

A DIDATIZAÇÃO DE GÊNEROS ORAIS NO ENSINO DE LÍNGUA(GENS)

TEACHING ORAL GENRES IN LANGUAGE TEACHING

Cátia Jaqueline de Lima  <https://orcid.org/0009-0009-7808-4885>
Universidade Estadual da Paraíba
catia.lima@aluno.uepb.edu.br

Linduarte Pereira Rodrigues  <https://orcid.org/0000-0002-9748-179X>
Universidade Estadual da Paraíba - Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores
Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade
linduartepr@gmail.com

D.O.I: <http://doi.org/10.5281/zenodo.14580079>

Recebido em 27 de setembro de 2024

Aceito em 11 de novembro de 2024

Resumo: O estudo investigou como os gêneros orais são trabalhados no ensino de Língua Portuguesa e como são apresentados nos materiais didáticos adotados pelas escolas públicas da Paraíba, a fim de refletir a relevância de sua didatização nas aulas de língua(gens), buscando levar os discentes à compreensão das suas características e funções sociais. Para tanto, objetivou demonstrar a oralidade como parte integrante do funcionamento da língua(gem) e do ensino, enquanto elemento indispensável e constituinte de cidadãos capazes de expressar-se adequadamente em qualquer situação comunicativa. O estudo se fundamentou em documentos oficiais (Brasil, 1998; 2018) e em pesquisadores como Marcuschi (2005; 2007; 2010), Antunes (2003), entre outros. Pautado em uma abordagem qualitativa, analisou um *corpus* constituído através da observação de aulas, da aplicação de questionário e dos livros didáticos utilizados pelos colaboradores da pesquisa. O trabalho viabilizou a abertura de um espaço para discutir a didatização dos gêneros orais, bem como sua ausência na escola, o que denuncia uma formação e um agir docente deficitários. Os resultados demonstraram que os livros didáticos examinados apresentam uma abordagem superficial, e os professores, indícios de uma formação inicial limitada, fato que dificulta a realização de um trabalho com gêneros orais mais elaborado.

Palavras-chave: Ensino de língua(gens). Didatização. Gêneros orais.

Abstract: The study investigated how oral genres are used in Portuguese language teaching and how they are presented in teaching materials adopted by public schools in Paraíba, to reflect on the relevance of their teaching in language classes, seeking to lead students to understand their characteristics and social functions. To this end, it aimed to demonstrate orality as an integral part of the functioning of language and teaching, as an indispensable and constitutive element of citizens capable of expressing themselves adequately in any communicative situation. The study was based on official documents (Brazil, 1998; 2018) and researchers such as Marcuschi (2005; 2007; 2010), Antunes (2003), among others. Based on a qualitative approach, it analyzed a corpus constituted through observation of classes, the application of a questionnaire and the textbooks used by the research collaborators. The work made it possible to open a space to discuss the teaching of oral genres, as well as their absence in schools, which reveals deficient training and teaching practices. The results showed that the textbooks examined presented a superficial approach, and the teachers showed signs of limited initial training, a fact that makes it difficult to carry out more elaborate work with oral genres.

Keywords: Language teaching (gens). Didacticization. Oral genres.

1 Primeiras palavras

Para iniciarmos nosso percurso acerca do tratamento dado à oralidade na Educação Básica, em aulas de língua(gem), precisamente em turmas de Ensino Fundamental, anos finais, precisamos diferenciar dois termos que em muitas situações são entendidos como sinônimos: oralidade e fala.

Segundo Marcurschi (2010, p. 25):

A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso.

Em contrapartida, o autor explica:

A fala seria uma forma de produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral (situa-se no plano da oralidade, portanto), sem a necessidade de uma tecnologia além do aparato disponível pelo próprio ser humano. Caracteriza-se pelo uso da língua na sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos, bem como os aspectos prosódicos, envolvendo, ainda, uma série de recursos expressivos de outra ordem, tal como a gestualidade, os movimentos do corpo e a mímica (Marcurschi, 2010, p. 50).

Embora estejam relacionados à modalidade oral da língua(gem), os dois termos são diferentes, apesar de complementares. Essa e outras questões contribuem com o errôneo tratamento da oralidade em sala de aula, uma vez que a consideram como oralização de sentimentos e ideias, desconsiderando-a enquanto participação oral de um indivíduo inserido em um contexto comunicativo determinado por regras de utilização dos mais variados gêneros textuais.

Fica entendido, pois, que a oralidade é uma prática social e a fala é a forma de produção intercomunicativa. Esta acontece naturalmente, e em qualquer momento da vida de um sujeito, sem a necessidade de planejamento; enquanto aquela é planejada para atender às intenções da situação comunicativa em que o indivíduo está inserido, seja ela mais ou menos formal.

Considerando que o indivíduo se constitui nas relações que desenvolve socialmente, e que a maioria de suas interações se dá oralmente, somos levados a refletir que o tratamento dado à oralidade nas salas de aula ainda está longe do que seria necessário para que se efetivasse em cada indivíduo a capacidade de adequação da língua(gem) em situações comunicativas diversas, bem como do emprego eficiente dos mais variados gêneros produzidos oralmente.

Justificamos esta pesquisa como fomentadora do interesse pela didatização da oralidade nas salas de aula da Educação Básica do nosso país. Faz-se necessário atentar para a importância de o aluno ser capaz de planejar e executar os mais variados gêneros orais, de forma a contribuir significativamente com a formação linguística dos discentes, uma vez que no dia a dia os alunos estão envolvidos nas mais diversas situações em que o uso da oralidade torna-se essencial.

Desse modo, nosso estudo teve como objetivo geral demonstrar que a oralidade é parte integrante do funcionamento da língua(gem) e do ensino, enquanto elemento indispensável e constituinte de cidadãos capazes de expressar-se adequadamente em qualquer que seja a situação comunicativa. E como objetivos específicos buscamos: i) analisar o que as bases legais dizem sobre o ensino da

oralidade, confrontando com a base teórica estudada na pesquisa; e ii) identificar como a oralidade é abordada no livro didático, no dizer e no agir docentes de profissionais que atuam com o ensino de língua(gens) no 9º ano do Ensino Fundamental.

Para o desenvolvimento metodológico deste estudo nos pautamos em uma abordagem qualitativa, visando a aproximação com o ambiente pesquisado. Inicialmente, foi realizada uma pesquisa de caráter bibliográfico e documental. A análise documental se voltou para o exame de documentos oficiais que regem o sistema de ensino de língua(gens) no país, especificamente para o ensino de oralidade nos anos finais do Ensino Fundamental (Brasil, 1998; 2018). A pesquisa bibliográfica se deu a partir de pesquisadores como Marcuschi (2005; 2007; 2010), Antunes (2003), Dolz e Schneuwly (2004), Rodrigues (2009; 2017), Rodrigues e Dantas (2015), entre outros, que se voltam para o fenômeno abordado. Desta forma, a pesquisa seguiu as seguintes etapas: levantamento bibliográfico acerca dos gêneros orais na Educação Básica; aplicação de questionário com as professoras colaboradoras do estudo, com o propósito de compreender como tem sido o trabalho com os gêneros orais na aula de Língua Portuguesa; observação e registro em diário de pesquisa de aulas; apreciação do livro didático e análise dos dados baseados no aporte teórico examinado.

O texto resultante desse estudo está assim estruturado: um primeiro tópico que apresenta o aporte teórico acerca do que é a oralidade e de como pode ser desenvolvido o trabalho de didatização dos gêneros orais em sala de aula; um segundo tópico que apresenta o percurso metodológico adotado pela pesquisa e, por último, o terceiro tópico que vem a ser uma análise do trabalho realizado pelas professoras colaboradoras, partindo da observação das aulas, da leitura das respostas dadas ao questionário e de como os livros didáticos adotados nas escolas participantes apresentam o estudo de oralidade, buscando compreender, assim, como se desenvolve o trabalho com os gêneros orais nas escolas campo de pesquisa.

2 A modalidade oral da Língua Portuguesa

Sabe-se que, no dia a dia, a fala é mais utilizada do que a escrita. Entretanto, verifica-se que as instituições escolares não dão atenção à oralidade como à escrita, fato que foi destacado por Marcuschi (2007, p. 14-15) ao expressar que “tendo em vista o trabalho com a língua em sala de aula”, não podemos deixar de sinalizar “que é como língua escrita que ela é ali mais estudada, mas é como língua oral que se dá seu uso mais comum no dia a dia”. Outrossim, boa parte dos manuais didáticos centralizam seus objetivos em atividades de escrita em detrimento do trabalho com os gêneros orais. O fato é que alguns autores e professores ainda não têm o hábito de consultar regularmente os referenciais curriculares e suas diretrizes no que tange ao desenvolvimento de propostas efetivas que viabilizem a aprendizagem dos gêneros orais.

De acordo com Marcuschi (2005), o aspecto central a ser estudado na fala é a variação da língua, seja na língua materna ou em outras línguas, suas formas de realização formal ou informal, bem como as formas de se dirigir aos diversos interlocutores. Nas palavras do autor:

Dedicar-se ao estudo da fala é também uma oportunidade singular para esclarecer aspectos relativos ao preconceito e à discriminação linguística, bem como suas formas de disseminação. Além disso, é uma atividade relevante para analisar em que sentido a língua é um mecanismo de controle social e reprodução de esquemas de dominação e poder implícitos em usos

linguísticos na vida diária, tendo em vista suas íntimas, complexas e comprovadas relações com as estruturas sociais (Marcuschi, 2005, p. 31).

Pode-se destacar que é preciso ensinar, nas escolas, que a oralidade possui maiores e menores graus de formalidade, a serem usados de acordo com situações comunicativas diversas, garantindo a compreensão dos usos da língua(gem), visando disseminar qualquer forma de discriminação linguística.

Frente a tal constatação, seria salutar que hoje a preocupação com a oralidade fosse cada vez mais aceita pelos responsáveis pelo ensino da Língua Portuguesa na escola; mas como pretendemos demonstrar com este estudo, nem tudo funciona do modo que deveria ser, porque a oralidade continua sendo considerada um “instrumento para a comunicação”, conforme afirmou uma das professoras colaboradoras deste estudo.

2.1 A oralidade nos documentos oficiais

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (Brasil, 1998), é importante que o aluno aprenda novas formas linguísticas, escrita e/ou oral mais formalizadas, compreendendo que todas as variedades linguísticas são legítimas e compõem a história e a cultura humana. O documento alerta para a necessidade de se oportunizar aos alunos a construção progressiva de modelos apropriados ao uso do oral em situações de fala previstas, tendo em vista que estes possuem menos acesso aos gêneros orais nos usos espontâneos da linguagem, sendo na escola o lugar apropriado para o desenvolvimento, de forma orientada, de atividades de escuta e produção oral, a fim de construir no alunado as habilidades linguísticas necessárias para a participação nas situações públicas de fala.

Pretende-se com esse exercício, garantir aos alunos a oportunidade de ampliar o seu repertório vocabular, levando-os ao pleno desenvolvimento linguístico. Essa ação educativa permite que os aprendentes possuam, cada vez mais, a capacidade de exercer a sua cidadania, dominando a língua(gem) de forma eficiente. A este respeito, os PCN (1998, p.19) dizem que “o domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística, são condições de possibilidade de plena participação social”. Sendo assim, cabe à escola desenvolver atividades que evidenciem à participação social dos sujeitos, garantindo-lhes o acesso aos saberes linguísticos necessários para que isso ocorra de forma satisfatória.

A escola deve considerar o conhecimento prévio dos alunos e promover a sua ampliação de modo que ao concluir o Ensino Fundamental, cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, “de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações” (Brasil, 1998, p.19). Ao professor de Língua Portuguesa caberá o papel de ensinar os alunos a utilizarem-se da linguagem oral como possibilitadora de inserção social, pois, conforme os PCN:

Ensinar língua oral deve significar para a escola possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, tendo em vista a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania (Brasil, 1998, p.67).

Trata-se, portanto, de compreendermos a importância da oralidade no contexto social como um todo, e de como esta ferramenta é indispensável para o bom uso da língua(gem) em variadas situações comunicativas, considerando o que faz parte dos usos reais e das interações verbais construídas diariamente. Contudo, é preciso ter em mente que não se trata apenas de oralizar aquilo que se deseja falar em determinada situação, tem-se que compreender que, assim como a escrita, a produção oral possui suas etapas e deve ser bem planejada, tendo em evidência o gênero oral que está sendo utilizado, qual o público-alvo e o que se pretende alcançar. Afinal:

Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam. Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura (Brasil, 1998, p. 21).

Desta forma, a escola precisa cumprir o seu papel social de formar pessoas para o exercício consciente de sua cidadania, tendo em vista que o ensino da língua(gem) não pode deixar de fora seu propósito maior: tornar as pessoas mais reflexivas, participativas e atuantes no contexto sociocultural e histórico em que estão inseridas (Rodrigues, 2017). Haja vista que a produção oral requer um planejamento prévio e um monitoramento simultâneo à fala. Desse modo, é preciso ensinar aos alunos as estratégias de produção, para que eles possam participar efetivamente das diversas práticas discursivas/sociais, adequando-se às suas especificidades.

A oralidade é uma prática social de linguagem relevante, que deve estar presente no Ensino Básico. Assim como a escrita, a análise linguística e a leitura, a oralidade deve ser objeto de ensino do docente que atua com a Língua Portuguesa no ensino de língua(gens), considerando o fato de que ela possibilita ao alunado “atender a múltiplas demandas sociais, responder a diferentes propósitos comunicativos e expressivos, e considerar as diferentes condições de produção do discurso” (Brasil, 1998, p.32).

Compreendemos que, embora nascendo com a capacidade inata de desenvolver a fala, os alunos precisam refletir sobre os possíveis caminhos que a oralidade percorre, levando em conta o gênero textual escolhido, a situação comunicativa; fatores que determinarão o grau de formalidade e adequação da fala, dadas as necessidades específicas de cada prática linguística. Pensando por essa ótica, a escola deverá favorecer situações reais de uso da modalidade oral, propondo situações didáticas que façam sentido, para que possa oportunizar aos seus alunos experiências com essas atividades, em que o uso do oral é indispensável, levando-os a compreender o funcionamento da língua(gem) e a necessidade do planejamento da fala em determinadas situações públicas/sociais de uso cotidiano da expressão oral.

Assim como os PCN, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018) ressalta a importância de se entender a língua(gem) como forma de interlocução realizada socialmente com finalidades específicas. Segundo a BNCC (Brasil, 2018, p. 67-68):

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens.

Um exemplo dessas práticas sociais, que podem ser experimentadas, seria a aptidão para planejar e realizar um debate sobre determinado tema, tendo em vista o

perfil dos ouvintes, os objetivos propostos, a motivação para que o debate aconteça e as estratégias persuasivas mais eficazes. Afinal, esse tipo de atividade levará o aluno a compreender a necessidade do planejamento prévio do que será defendido, tendo em vista as etapas de produção do texto oral e as possibilidades de correção simultânea à fala; além de levá-lo a entender a força dos argumentos para se chegar aos objetivos traçados.

Diante do exposto, a BNCC (Brasil, 2018, p. 78-79) define que:

O eixo oralidade compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, [...], seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções [...]. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação.

Para esse propósito, o professor atuará como facilitador do conhecimento, aquele que articula propostas de atividades que possibilitem aos alunos o desenvolvimento das capacidades discursivas e da expressão oral em situação de uso público da língua(gem). E, desse modo, o ensino deve ser pautado no acesso a usos mais formalizados da fala, que exigem do indivíduo controle daquilo que é enunciado, oportunizando, assim, o domínio da palavra pública. Com isso, os alunos serão direcionados a responderem propósitos comunicativos e expressivos por meio da fala.

2.2 A oralidade na escola: o que é e como fazer

A língua(gem) é parte constitutiva dos sujeitos, uma vez que as ações que estes desenvolvem em seu dia a dia são efetivadas a partir dela, em suas modalidades oral e/ou escrita. Nos ambientes frequentados por nossos discentes, e a todo momento, eles são/serão levados a tomar decisões de como e o que dizer, e em muitos casos ainda há dificuldades deles se expressarem em público. Desse modo é papel da escola/professor desenvolver tal entendimento, levando os alunos a pensarem esses usos e compreenderem que a modalidade oral não é apenas a variação de menor prestígio social, aquela que é considerada informal e repleta de desvios da norma.

No fluxo dessas discussões, entendemos que os textos orais são constituídos de variados gêneros textuais que dependem do contexto de uso para adequar a necessidade de maior ou menor formalidade na sua construção. Para Antunes (2003, p. 102-103):

[...] saber adequar-se às condições da interação significa ser capaz, por exemplo, de participar cooperativamente, respeitando a vez de falar e de ouvir; de fazer exposições orais sobre temas de interesse do grupo; de argumentar a favor de uma ideia; de dar instruções; de narrar experiências vividas; de descrever com clareza ambientes, pessoas, objetos, fatos; enfim, de ajustar-se à imensa variedade de situações da interação verbal e de saber usar as distintas estratégias argumentativas típicas dos discursos orais.

De acordo com o que fora acima exposto, conclui-se que é necessário ter em mente que o discurso formal utilizado nas interações orais, em situações públicas, deve ser exercitado em sala de aula e, para isso, a escola/professor deve estar ciente da relevância de uma prática pedagógica que prime pelo uso da modalidade oral nos seus possíveis graus de formalidade, uma vez que os alunos devem ser capazes de saber

diferenciar as situações em que a linguagem deva ser mais polida das que não há tanta necessidade para tal postura.

Portanto, se as atividades com gêneros orais na escola permanecerem reduzidas às situações de fala entre amigos e/ou professor/aluno, e por meio da leitura de textos em voz alta, a capacidade de expressão oral em contextos públicos não será desenvolvida e a instituição escolar negligenciará o desenvolvimento deste conhecimento. Nesta perspectiva, Rodrigues e Dantas (2015, p. 139) apontam para um agir docente que contemple a oralidade a partir de “gêneros formais: seminários, debates, discursos, conferências, entre outras situações que exigem do interlocutor o domínio da estrutura do gênero, obtido a partir do letramento escolar e pela mediação do professor”. Os autores evidenciam a relevância do trabalho com gêneros orais em sala de aula, a fim de proporcionar aos alunos a apropriação da linguagem oral nos eventos interacionais mais formais, tendo em vista que, em contextos de interação informal, este domínio já acontece antes mesmo da criança/adolescente adentrar à escola.

Cada gênero em si exige do indivíduo determinada postura, seja adequação vocabular, estratégias de monitoramento da linguagem, utilização do tempo, troca de turno, entre outras. O aluno deverá ser capaz de: i) perceber as exigências de adequação da fala em espaços de interação pública que exigem o domínio dos gêneros orais e; ii) compreender que tal aprendizagem é significativa a partir do momento que permite a sua participação efetiva em situações reais de uso da língua(gem).

As modalidades oral e escrita da língua são fundamentais para o uso da língua(gem) em sociedade. Outrossim, não podemos pensar escrita e oralidade como uma dicotomia, tendo em vista que se trata de duas modalidades sistêmicas de ocorrência fenomenológica numa mesma língua (Rodrigues, 2017). Ao oral não cabe o lugar do erro, do caos; é preciso repensar essa concepção e compreender que oralidade possui formalidade, pode e deve ser aprendida pelos alunos. Afinal, a escrita informal também existe, nas várias esferas da sociedade e nas culturas, como ocorre em redações escolares, bilhetes e nas redes sociais. A questão mais importante é a compreensão da necessidade de adequação da fala em seus momentos/espços de uso, que são variados e complexos.

Infelizmente, a escola não tem preparado os alunos para a expressão oral, pautada na ilusão de que com o tempo aprenderão. Mas como irão aprender se não lhes for ensinado? Bem, se não forem ensinadas as competências da oralidade, provavelmente jamais farão parte das habilidades a serem desenvolvidas pelos alunos, quando forem solicitados. O ensino do oral deve ser permanente, levando em consideração o que o aluno já sabe e aperfeiçoando o que necessita de ajustes.

Desde a mais tenra infância, aprendemos as competências da oralidade: ouvir e falar. A oralidade faz parte de nós, nos compõem, está estreitamente ligada à nossa identidade e define quem somos, isto é, nos definindo como seres únicos, singulares. Assim sendo, a escola deve, portanto, estar preocupada em desenvolver um trabalho pautado no uso de textos orais, dos mais variados gêneros, fazendo os alunos refletirem a importância do domínio dessa modalidade da língua(gem) desde os anos iniciais. Contudo, na escola, o trabalho com o oral não passa de oralização de textos escritos, de leitura em voz alta e de respostas ditas oralmente (Rodrigues; Dantas, 2015).

A linguagem deve ser compreendida como construção humana, histórica, social e cultural, devendo ser desenvolvida em ambas as modalidades da língua(gem), para que os alunos possam ampliar suas possibilidades de participação na vida social. O trabalho com a oralidade exige método, continuidade e progressividade, pois sem esses

aspectos perde-se a sistematicidade do trabalho e não se alcança o desenvolvimento das competências comunicativas desejadas.

Dessa forma, o professor de Língua Portuguesa precisa ter a consciência de que o trabalho eficaz com a oralidade se dá à medida em que os envolvidos adaptam a sua fala ao atendimento das exigências sociais, através de escolhas e mudanças que respeitam a variedade linguística, despreocupada ou monitorada, a depender do contexto que a situação comunicativa os impõe. Assim, acreditamos que o quanto antes os alunos forem submetidos a situações de uso da modalidade oral da língua(gem) em seus contextos reais de uso e na escola, mais cedo terão aptidão para falar em público, controlando a ansiedade e o medo. Consequentemente, a escola deve oportunizar situações de uso da modalidade oral por longos períodos, isto é, ao longo dos anos letivos, levando os alunos a compreenderem que precisam de tempo para “treinar” essa variedade formal da língua(gem), a fim de aprendê-la.

Os eventos orais são atos de comunicação mediados pela fala, realizados por meio dos gêneros textuais com estrutura e funções específicas. Desta forma, as situações escolares de ensino devem priorizar textos característicos dos usos públicos de linguagem, pois é nas situações comunicativas fora dos muros da escola que os alunos serão avaliados frente às exigências de uso proficiente dos discursos públicos. É fora da escola que os alunos serão solicitados a produzir textos de acordo com a demanda social. Isto se dá pelo fato de que:

A oralidade jamais desaparecerá e sempre será, ao lado da escrita, o grande meio de expressão e de atividade comunicativa. A oralidade enquanto prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia. Ela sempre será a porta de nossa iniciação à racionalidade e fator de identidade social, regional, grupal dos indivíduos. (Marcuschi, 2010, p.36).

Desse modo, os sujeitos devem ampliar seus conhecimentos acerca dos recursos da língua(gem) oral para usá-los com eficiência nas situações sociais cotidianas. Afinal de contas, a língua(gem) possibilita ação e interação entre os sujeitos; e “estudar o funcionamento da linguagem como práticas sociais, significa, então, analisar as diferenciações e variações, em função de sistemas de categorizações sociais à disposição dos sujeitos observados” (Schneuwly; Dolz, 2004, p. 63). Vemos, então, que aprender uma língua é aprender a comunicar-se através dela, conhecer e dominar suas variações, aplicando-as nas situações sociais de interação comunicativa mais diversas.

O ensino do oral deve ser legitimado para que haja a ampliação das potencialidades dos alunos. Entretanto, ainda hoje, podemos ver que a língua(gem) falada é considerada “pobre”. Por isso, seu desprestígio em favor de uma outra modalidade de prestígio, a escrita. Como denuncia Rodrigues (2017), não se leva em consideração que há possibilidades de fala num registro formal, e que mesmo na informalidade, como sugere o autor, alguns registros de fala (e por que não dizer da escrita?!) são possibilidades de adequação aos usos sociais que legitimam as práticas sociais dos sujeitos nas diversas culturas (Rodrigues, 2009).

Nesta perspectiva, é papel da escola possibilitar tal conhecimento e disseminar a ideia de que “aprender a falar é apropriar-se dos instrumentos para falar em situações de linguagem diversas, isto é, apropriar-se dos gêneros” (Schneuwly; Dolz, 2004, p.143). Em outras palavras, é papel da escola, levar os alunos a ultrapassarem o uso do oral cotidiano, apresentando-lhes formas institucionais, mediadas, reguladas pelo exterior, através de uma intervenção didática. E, neste caso, cabe ao professor de Língua

Portuguesa da Educação Básica, desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, ter a iniciativa, e consciência, de pôr em prática um agir docente que permita a efetivação destes fundamentos em planos de ação que mobilizem os saberes e os fazeres dos seus alunos acerca do uso eficaz da palavra/fala no cotidiano das cidades (Rodrigues, 2017).

No próximo tópico, apresentamos o caminho metodológico da pesquisa. Ele foi elaborado para permitir o entendimento do trajeto percorrido para o estudo, atentando para a compreensão daquilo que fora investigado. Para tanto, apresentamos os dados coletados a partir da observação em sala de aula, além dos sujeitos colaboradores e do *locus* da pesquisa.

3 Metodologia da pesquisa sobre a didatização de gêneros orais

A primeira fase desta pesquisa se deu com o levantamento dos aportes teórico e documental que fundamentam este artigo, e as análises realizadas que constam no próximo tópico. Após a conclusão deste levantamento e da leitura dos autores escolhidos, iniciamos as visitas às escolas campo de pesquisa, onde coletamos dados através da observação do ensino de língua(gem) em salas de aula de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, anos finais.

Numa primeira visita, conversamos com os diretores das escolas, a fim de termos a autorização para realização da pesquisa. Num segundo momento, conhecemos e conversamos com as duas professoras/colaboradoras para explicar como se daria o estudo. Diante da conversa que tivemos com elas, ambas permitiram que pudéssemos observar as suas aulas e se comprometeram em responder o questionário que foi elaborado para a efetivação deste estudo. Após isso, marcamos os dias para observação e coleta de dados, respeitando o calendário de atividades proposto pelas respectivas unidades educacionais.

3.1 Campo de pesquisa

A pesquisa se desenvolveu nas escolas EEEFM Severiano Pedro do Nascimento, localizada à Rua Paris, s/n, Distrito de Jenipapo, Campina Grande-PB (escola 1) e na EMEF CEAI Dr. Elpídio de Almeida, situada à Rua Joaquim Amorim Jr, s/n, Ramadinha II, Campina Grande-PB (escola 2). Esta atende 724 alunos, nos turnos manhã e tarde, em turmas de pré-escola ao 9º ano do Ensino Fundamental; aquela aproximadamente 430 alunos, em turmas de 9º ano, Ensino Médio e EJA, nos turnos manhã, tarde e noite.

3.2 Professoras colaboradoras

As professoras colaboradoras desta pesquisa possuem graduação em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e estão em sala de aula há mais de dez anos. Mostraram-se comprometidas com o fazer docente e muito empáticas com o estudo corrente. De acordo com os princípios éticos, as colaboradoras não tiveram seus nomes revelados e foram identificadas no texto fruto desta pesquisa pelos pseudônimos Fátima e Lourdes.

3.3 Instrumentos de coleta e análise de dados

No desenvolvimento do presente estudo, utilizamo-nos: i) da observação das aulas, num total de seis aulas na escola 1 e quatro aulas na escola 2; ii) da aplicação de um questionário para as professoras; iii) da análise dos livros didáticos.

Vale ressaltar que os dados foram analisados à luz dos estudos de teóricos que fundamentaram a parte inicial deste artigo, tais como Marcuschi (2005; 2007; 2010), Antunes (2003), Dolz; Schneuwly (2004), Rodrigues (2009; 2017), entre outros, bem como dos documentos oficiais (Brasil, 1998; 2018) que regem o sistema de ensino de língua(gens), e que nos permitiram compreender como deve ser o tratamento dado aos gêneros orais nas aulas de Língua Portuguesa.

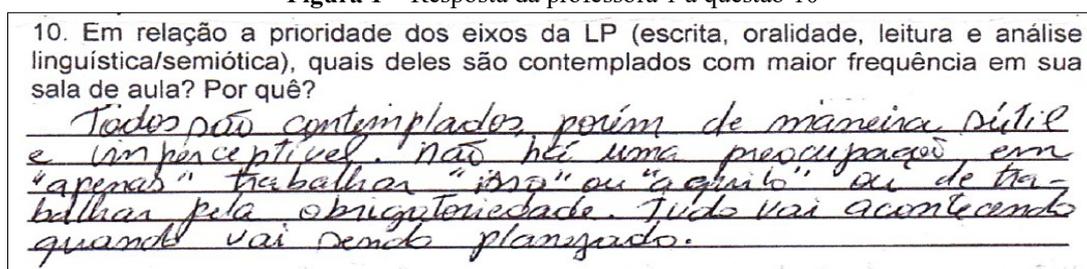
4 Análise dos dados da pesquisa acerca das oralidades

4.1 Das respostas ofertadas pelas professoras ao estudo das oralidades

Um dos nossos instrumentos de coleta de dados utilizado neste estudo foi o questionário composto por 15 questões, voltadas ao entendimento de como as professoras colaboradoras atuam em sala de aula com o ensino da língua(gem) e se utilizam os documentos oficiais para o planejamento de suas ações docentes. Por uma questão de espaço, do questionário aplicado, escolhemos para análise as questões 10 e 15, uma vez que refletem mais diretamente o objeto de estudo desta pesquisa: o eixo das oralidades.

Para a questão 10 (Figura 1), a professora Fátima (professora da escola 1), em poucas palavras, afirma que todos os eixos de Língua Portuguesa são contemplados em suas aulas, numa projeção de que tudo “vai acontecendo quando vai sendo planejado”. Não fica claro na sua resposta e mesmo nas observações de suas aulas como funciona o seu trabalho com os gêneros orais e se são adotados conforme preconizam os documentos oficiais e os pressupostos teóricos da área.

Figura 1 – Resposta da professora 1 à questão 10



Fonte: Instrumento da pesquisa

Para esta mesma questão (Figura 2), a professora Lourdes (professora da escola 2) fala que há frequência de trabalho com os eixos de escrita, oralidade e análise linguística, porém, não há preocupação direta com o ensino dos gêneros orais e, conforme os dados levantados nas aulas observadas, o trabalho da professora é mais direcionado para a escrita e leitura, ficando a oralidade restrita às falas dos alunos em sala.

Figura 2 – Resposta da professora 2 à questão 10

10. Em relação a prioridade dos eixos da LP (escrita, oralidade, leitura e análise linguística/semiótica), quais deles são contemplados com maior frequência em sua sala de aula? Por quê?
escrita, oralidade e análise linguística

Fonte: Instrumento da pesquisa

Em relação às práticas de oralidade com o alunado, questão 15 (Figura 3), Fátima (professora da escola 1) menciona a prática do seminário, gênero oral bastante utilizado nas escolas, mas pouco didatizado para fins, inclusive, de uma prática de estudo escolar.

Figura 3 – Resposta da professora 1 à questão 15

15. Em relação às práticas de linguagens, como se dá o trabalho com o eixo da “oralidade” com o alunado?
Produção de seminários, participação do aluno de talentos da escola, brincadeiras e dinâmicas, aulas de leitura.

Fonte: Instrumento da pesquisa

De acordo com a resposta da professora Fátima, observamos que ela aborda a produção de gêneros orais em seu planejamento, contudo, restringe-se a citar alguns deles sem adentrar, de fato, o modo como eles são trabalhados. Apesar disso, a professora não deixa claro se trabalhou, no decorrer do ano letivo, as características do gênero, desenvolvendo as “diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino” da produção oral dos textos (Brasil, 1998, p. 24).

A mesma pergunta foi respondida pela docente da escola 2, Lourdes (Figura 4).

Figura 4 – Resposta da professora 2 à questão 15

15. Em relação às práticas de linguagens, como se dá o trabalho com o eixo da “oralidade” com o alunado?
Análise da maneira da fala como mecanismo vocabular coloquial.

Fonte: Instrumento da pesquisa

A resposta da professor Lourdes revelou que em sua prática docente não há um trabalho voltado ao estudo dos gêneros orais, no qual sejam abordadas as características destes textos e compreendido que, por mais que a fala seja uma característica nata dos seres humanos, a modalidade oral deve ser objeto de estudo nas aulas de língua(gem), a fim de fazer com que os alunos possam ter controle sobre a modalidade oral da língua(gem). A resposta da professora traduz a ideia de que a oralidade é vista como coloquialismo da língua(gem).

4.1.1 Nossas impressões sobre as respostas das docentes

Percebemos que as respostas dadas às questões 10 e 15, do questionário que elaboramos, evidenciam uma formação docente inicial e continuada limitada, voltada aos gêneros textuais escritos, a partir de um trabalho que não prima pelo desenvolvimento integral dos sujeitos aprendentes. Não se desenvolvem as habilidades

de fala através da didatização dos gêneros orais, tão necessários para uma participação social efetiva.

Entendemos que a formação inicial e continuada são de suma importância para o bom desenvolvimento da didatização dos gêneros textuais, orais, escritos e/ou multimodais, nas aulas de língua(gem). Desse modo, se nesta formação não for oferecido meios para o bom desenvolvimento de um trabalho com os gêneros orais, caberá aos docentes, e aos poderes públicos, buscarem/fornecerem formação continuada, permanentemente, a fim de dar conta do imenso número de possibilidades de usos das modalidades da língua(gem), a que os alunos estarão continuamente imersos, dentro dos mais variados contextos sociais em que estão inseridos diariamente, desenvolvendo neles atitudes de emancipação e libertação frente às suas interações com o meio.

Diante do exposto, e considerando o papel do professor de Língua Portuguesa para o aprimoramento das habilidades de língua(gem) pelo alunado da Educação Básica, no próximo tópico, abordaremos a visão de oralidade apresentada nos livros didáticos utilizados pelos docentes que atuam nas escolas *lócus* da pesquisa.

4.2 Das proposições dos livros didáticos adotados pelas escolas

O livro adotado pela escola Severiano Pedro do Nascimento (doravante livro 1) é o “Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem”, dos autores Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi, publicado pela editora Moderna em sua 3ª edição em 2022. O volume do 9º ano apresenta oito capítulos que exploram diferentes gêneros textuais por meio da leitura e da produção textual. Cada capítulo subdivide-se em seções que exploram as características e a construção de sentidos dos gêneros em foco, além de aspectos linguísticos e gramaticais.

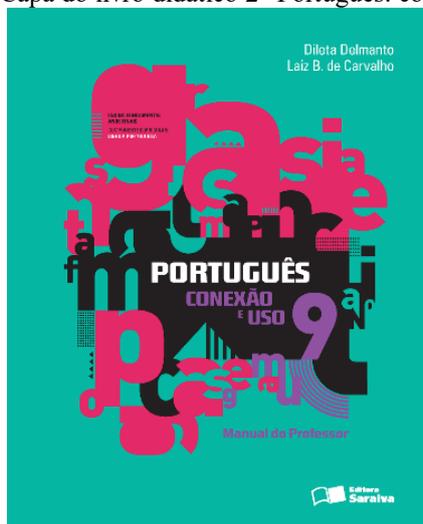
Figura 5 – Capa do livro didático 1 “Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem”



Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2022)

Já na escola CEAI Dr. Elpídio de Almeida, o livro adotado é “Português: conexão e uso” (doravante livro 2), dos autores Dileta Delmanto e Laiz B. de Carvalho, que fora publicado em sua 1ª edição em 2018, pela editora Saraiva. O livro do 9º ano é organizado em oito unidades, compostas de diversas seções, em que são explorados aspectos linguísticos da Língua Portuguesa, bem como o trabalho com gêneros textuais, destacando-se suas organizações e funções sociais.

Figura 5 – Capa do livro didático 2 “Português: conexão e uso”



Fonte: Delmanto e Carvalho (2018)

Ao analisarmos os dois livros didáticos utilizados nas escolas *locus* da pesquisa, observamos que o trabalho com a oralidade dos materiais didáticos encaminhados às escolas é, muitas vezes, superficial e, na maioria das atividades, se prende na comparação do padrão escrito com as “marcas de oralidade” entendidas apenas como erro. Dessa forma, a modalidade oral da língua(gem) é caracterizada como desvio de regras. Este fato impede o estudo sistemático desta modalidade da língua(gem).

Observemos o exemplo extraído do livro 1, que apresenta uma atividade interpretativa de um trecho do texto teatral “As cangaceiras, guerreiras do sertão”, parte 2, cena 16. (Figura 6):

Figura 6 – Exemplo extraído do livro 1 “Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem”

- 4.** Observe a linguagem empregada nas falas das personagens.
 - a) Identifique alguns exemplos de marcas de oralidade. **4a. Tô e roubano, por exemplo.**
 - b) Identifique alguns exemplos de variedade regional.
 - c) Cite exemplos de construções em que a concordância verbal e a concordância nominal não estejam de acordo com a norma-padrão.
 - d) Por que esses recursos linguísticos foram empregados na construção das falas das personagens?

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2022, p. 47)

Na atividade acima destacada, observamos que ao solicitar as marcas de oralidade, os autores esperam que os alunos encontrem expressões que fogem da norma formal escrita (Tô e roubano), o que supostamente representaria “erro”, ficando a oralidade entendida como informalidade.

Lamentavelmente, perde-se a oportunidade de se didatizar os gêneros orais, porque os autores se apegam aos usos ditos informais e passam a ideia de que tais

“possibilidades” seriam absurdos, desvios, erros linguísticos. De modo semelhante, nos apegamos a Rodrigues (2017) para afirmar que os autores se colocam numa posição descontextualizada do que deveria ser considerado oralidade nos livros/manuais didáticos, e nas salas de aula de Língua Portuguesa, quando nos itens “c” e “d” apontam para o entendimento de que a oralidade é menos formal, evidenciando o lugar quase sempre superior da escrita em detrimento da oralidade.

Sabemos que a fala é uma atividade bem mais utilizada pelos usuários da língua(gem) do que a escrita, contudo, dentro das instituições escolares, a atenção que lhe é dada é quase ausente. No exemplo extraído do livro 2 (Figura 7), podemos constatar que a oralidade ainda é considerada como “marca de fala” e “exemplo de erro”. Ela é vista por uma ótica de comparação direta com a escrita. Observemos a atividade proposta pelos autores, interpretação de um roteiro de cinema, e como a oralidade é nela apresentada:

Figura 7 – Exemplo extraído do livro 2 “Português: conexão e uso”

A língua não é sempre a mesma Não escreva no livro!

A língua no roteiro

1. Releia uma fala presente no roteiro lido.

MÍRIAM

Filho, entende, a gente não tá indo porque a gente quer.

1. b) Possibilidades:
 SHLOMO (EXASPERADO)
 O menino tá na minha casa! Mas onde ele vai ficar?
 SHLOMO
 Nem aqui nem ali...
 HANNA
 Pro México! Uau! Eles foram ver a Copa do Mundo e não te levaram?

a) Observe as expressões destacadas, típicas da fala informal. A informalidade da linguagem é adequada ao perfil dos personagens e à situação de comunicação descrita no roteiro? Explique.
 Sim, pois se trata de uma conversa entre pais e filho, em uma situação familiar.

b) Encontre nas demais falas do roteiro outras marcas de oralidade.

c) As rubricas, os cabeçalhos de cena e demais orientações do roteirista são marcados por que tipo de linguagem?
 Por uma linguagem mais formal; nesses trechos, não há marcas de oralidade.

Fonte: Delmanto e Carvalho (2018, p. 205)

Percebemos no exemplo destacado que no item “a” aparecem expressões propostas pelos autores como “possibilidades” típicas da fala informal (a gente, tá). Até aqui tudo bem, haja vista que os autores se baseiam em “possibilidades” da modalidade oral, visto que podem apresentar maior ou menor grau de formalidade. Contudo, no item “b” eles solicitam dos alunos que destaquem outras marcas de oralidade, levando-os a encontrar o que se caracteriza como desvio ao padrão escrito da língua(gem) oficial estudada na escola, e que entendem, ingenuamente, como superior, de prestígio sociocultural e histórico (Rodrigues, 2009; 2017), sendo assim mais habitual para o uso cotidiano dos alunos.

Daí, destacamos a seguinte questão: como esperar dos professores de Língua Portuguesa que trabalhem os gêneros orais em sala de aula se, na maioria dos casos, o único suporte utilizado por estes profissionais (o livro didático) apresenta limitações no trato com a modalidade oral da língua(gem)?

Como pudemos perceber, no extrato em análise, há autores de materiais didáticos que desconhecem a forma de situar o estudo e o ensino da fala. O exemplo que destacamos foi apenas para ilustrar que, na maioria das vezes, o estudo da fala se limita ao tratamento de comparação entre um caso formal (escrita) e um informal (fala) de uso da língua(gem), o que sugere ao aluno da Educação Básica que a fala será “sempre” um recurso de língua(gem) que expressa uma habilidade sem prestígio social.

É preciso, pois, salientar que o que ora defendemos não se trata do mero exercício da fala em sala de aula (leitura em voz alta, comentários etc.), mas do seu estudo, isto é, da didatização de gêneros textuais orais (Rodrigues; Dantas, 2015) que se impõem relevantes enquanto práticas sociais sendo, portanto, dinâmicos e variados nos

diversos usos sociais que o alunado se ver desafiado em sua práxis social, tanto na escritura quanto na oralidade (Rodrigues, 2017).

Por outro lado, nem tudo está perdido, porque na análise dos livros didáticos adotados pelas escolas *locus* da pesquisa, pudemos perceber que em alguns momentos, embora pontuais, a oralidade é explorada enquanto modalidade da língua. Observemos:

Figura 8 – Exemplo extraído do livro 2 “Português: conexão e uso”

4. Que marcas de oralidade você encontrou na fala da pesquisadora?
Possibilidade: Os alunos poderão mencionar repetições, reformulações e hesitações.
5. Há palavras ou expressões que se repetem nesse trecho da apresentação do relatório. Quais chamaram sua atenção?
Poderão ser citadas: **a gente** e uma sequência de **depois**.
6. Anote no caderno os articuladores textuais, característicos da fala, que servem para estabelecer a sequência da exposição do relatório.
7. Para estabelecer a coesão, evitando repetições desnecessárias, que outros articuladores poderiam ser utilizados?
Possibilidades: em seguida, além disso, em segundo lugar, por último, finalmente.

Fonte: Delmanto e Carvalho (2018, p. 103)

Neste extrato do livro 2, observamos que as características da modalidade oral da língua(gem) aparecem em lugar de destaque, levando os alunos à reflexão das possibilidades que existem na construção dos textos orais em situações públicas de uso da fala. Destaca-se a necessidade de atenção na construção do texto que será apresentado oralmente, visando garantir a coerência e coesão textuais necessárias aos diversos textos, inclusive os orais, evitando-se repetição de termos, substituindo-os por outros possíveis etc. Nesta situação, a oralidade é considerada enquanto modalidade da língua(gem) com características e especificidades que devem ser estudadas e aprendidas.

Do mesmo modo, no livro 1, destacamos a preocupação dos autores de não reduzir a oralidade à correção de “erros” (como exercício de retextualização do oral para a escrita) e a leitura em voz alta de texto escrito. Vejamos:

Figura 9 – Exemplo extraído do livro 1 “Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem”

2. O gênero *webinar* apresenta características típicas da oralidade.
 - a) Localizem exemplos de pausas e hesitações.
 - b) Localizem exemplos de correções.
 - c) O que provoca a presença dessas marcas?

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2022, p. 185)

Na questão 2, por exemplo, percebemos o cuidado em explorar as características dessa modalidade da língua(gem), ampliando os conhecimentos linguísticos do alunado para o entendimento de uma habilidade (falar) que é tida como atividade social, construída nas relações interpessoais, levando-os a utilizar a língua(gem) para expressar suas ideias e defender seus pontos de vista, enquanto cidadãos reflexivos e conscientes do seu papel social.

4.2.1 Nossas impressões sobre os livros analisados

Diante da análise empreendida nos livros didáticos, compreendemos que o trabalho com a oralidade se torna eficaz, quando os textos selecionados em sala de aula

são apresentados dentro do contexto social em que os alunos estão inseridos, uma vez que a partir do momento em que o aluno compreende a função de um determinado gênero e consegue aplicá-lo em sua vida cotidiana, ele compreende a importância de um trabalho que prioriza os usos da linguagem nos mais variados espaços (Rodrigues, 2017).

Um ensino visto como oportunidade de aplicação dos conhecimentos torna-se mais interessante e produtivo para os alunos da Educação Básica, uma vez que o alunado passará a compreender o “para quê” se aprende isso na escola. Sendo assim, as atividades dos livros didáticos que envolvem o estudo dos aspectos típicos da produção oral (tais como as repetições, hesitações, marcadores conversacionais, correções simultâneas à fala, repetições de elementos lexicais, retomadas, adaptação da linguagem de acordo com o público a quem a exposição é destinada) fazem com que o conteúdo de sala de aula se materialize nas situações comunicativas/interativas cotidianas dos sujeitos envolvidos. Ação didática que leva à compreensão de que a fala deve ser objeto de ensino na sala de aula de Língua Portuguesa, permitindo ao alunado se motivar para sua aprendizagem.

4.3 A oralidade na aula de Língua Portuguesa: constatações do âmbito escolar

Após uma conversa com as docentes Fátima (escola 1) e Lourdes (escola 2), aplicamos o questionário, analisamos os livros didáticos utilizados pelas docentes e fomos autorizados para a observação do agir docente nas respectivas aulas de Língua Portuguesa em turmas do 9º ano. Desse modo, neste tópico, apresentamos a análise dos dados coletados nas aulas observadas.

4.3.1 Descrição da cena escolar: aulas da professora Fátima

Na Escola Severiano Pedro do Nascimento (escola 1) foram observadas 6 aulas em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental, ministradas pela professora Fátima. Nas duas primeiras aulas, a professora apresentou a pesquisadora à turma, fez a chamada e iniciou uma avaliação escrita sobre advérbios e pronomes, não sendo possível coletar dados acerca do trabalho com a oralidade nesta ocasião.

No nosso segundo encontro, observamos duas aulas. Na primeira aula, realizou-se a correção da avaliação escrita. Durante toda a aula, alguns alunos participaram respondendo às questões da prova, enquanto a professora rememorava o conteúdo e estimulava-os com expressões tais como: “Certo?”; “Entenderam?”; “E aqui, é advérbio de quê?”; “Na questão 02 colocaram que resposta?”; “E aí?”, entre outras. Na segunda aula, a turma foi dividida em grupos para uma atividade de perguntas e respostas. Cada grupo elaboraria cinco questões, sendo uma de múltipla escolha, duas abertas e duas com resposta e exemplos. Seriam usados quinze minutos para a elaboração das questões e respectivas respostas. Poderiam usar o material escrito como apoio. Outra regra importante era que cada questão e resposta bem elaborada valia um ponto, questão ou resposta mal formulada meio ponto. Infelizmente, o tempo da aula foi insuficiente para a conclusão da atividade, tendo acontecido apenas a formulação das questões e uma rodada de perguntas e respostas para cada grupo.

No terceiro e último encontro na escola 1, a primeira aula teve início com uma conversa informal, enquanto os alunos voltavam do intervalo. Logo após retornou-se à atividade da aula anterior. Os alunos interagiram bem, foram aplicados na participação.

Quando um dos exemplos foi a oração “você quer casar comigo?”, exemplificando os pronomes oblíquos, a turma caiu na gargalhada, dizendo que o amor entre os alunos Carmem e Adilson era tão grande “que o pedido foi logo em casamento”, pulando as etapas iniciais de um relacionamento. Concluídos os ciclos de perguntas, foi explicado que as questões e respostas não tão bem elaboradas valiam menos, com o objetivo de levar aos alunos o entendimento de que na construção de textos há a necessidade de se manter a coerência e a coesão, que são elementos indispensáveis na produção textual.

4.3.2 Descrição da cena escolar: aulas da professora Lourdes

Na Escola CEAI Dr. Elpídio de Almeida (escola 2) foram observadas 4 aulas em duas turmas de 9º ano do Ensino Fundamental (turmas A e B) ministradas pela professora Lourdes.

Na turma A, a aula começou com acolhida e entrega das avaliações. Os alunos comemoraram os resultados e compararam entre si as respostas dadas às questões. Após o êxtase do resultado das avaliações, a professora entregou um texto motivador: uma “lista de sentimentos”, para levar os alunos a refletirem sobre a temática do setembro amarelo. Como era aula de produção textual escrita não havia muito o que ser observado em se tratando de oralidade. Contudo, fomos autorizados ao exame dos cadernos de atividade dos alunos e constatamos que se priorizava os gêneros textuais escritos, trabalhando sua estrutura e função social.

Na turma B, a professora Lourdes iniciou a aula com uma conversa informal sobre a semana literária que estava se aproximando. Em seguida, copiou no quadro questões reflexivas sobre a Literatura e sua importância na formação identitária dos povos e diversidade cultural. Houve uma breve explicação, e a professora fez duas perguntas: “De que forma a identidade de um povo pode transparecer na escrita literária? Que textos literários você já leu e percebeu características do local e tempo em que foi escrito?” O intuito dela com estas questões era motivar os alunos a participarem oralmente, na tentativa de explorar o conhecimento prévio deles. Contudo, poucos falaram. Em seguida, a docente solicitou que os alunos lessem silenciosamente o início do conto de terror “A queda da casa de Ursher”, do autor Edgar Allan Poe, apresentado no livro didático, e respondessem algumas questões propostas, questões que serviriam de norte para a produção de um conto de terror; e que fariam os alunos refletirem sobre suas escolhas linguísticas, como ela nos justificou.

4.3.3 Discussão acerca das observações realizadas em sala de aula de Língua Portuguesa

Diante do que fora exposto nas observações acima descritas, pudemos perceber que nas aulas das duas professoras há espaço para os alunos expressarem as suas dúvidas, suas vivências, de forma espontânea e descontraída. Os alunos são estimulados a oralizar as suas respostas e o fazem com tranquilidade, embora parte da turma acompanhe toda a aula em silêncio.

Ao trazer para sala de aula uma atividade de perguntas e respostas, na qual os alunos teriam que planejar as perguntas a serem feitas, Fátima oportunizou uma atividade em que a oralidade foi, de fato, evidenciada. Segundo a professora, neste momento, os alunos deveriam refletir sobre o conteúdo através do jogo proposto. Partindo desta observação, podemos constatar que houve um avanço em

relação ao modo em que a escola trabalha esta modalidade da língua(gem). Muito embora não tenha sido trabalhado um gênero textual oral, incentivou-se o uso da modalidade oral da língua(gem), exigindo dos alunos uma adequação da fala, visando garantir a coesão e a coerência do texto produzido ao criar ou responder às questões do jogo.

Nas aulas da professora Lourdes, constatamos que, a todo momento, os alunos foram estimulados a expressarem oralmente a sua opinião em relação ao assunto abordado em sala de aula. Diante das observações feitas a partir dos cadernos dos alunos, onde constatamos a ênfase dada à leitura e produção de textos escritos, e diante da fala da professora que nos relatou das orientações advindas da Secretaria de Educação do Município, de focar em leitura e escrita, percebe-se que, infelizmente, o trabalho com gêneros orais ainda é desvalorizado no espaço escolar, atribuindo à esta modalidade apenas o espaço de conversas informais e a leitura em voz alta.

Percebemos, pois, que tal postura vai contra o que dizem os PCN (Brasil, 1998), quando ressaltam que ensinar a língua(gem) oral é possibilitar acesso aos usos da linguagem, visando o domínio da palavra pública, uma vez que um aluno que apenas lê em voz alta não desenvolverá as habilidades para participar ativamente, com eficiência, do uso social da língua(gem) nos mais variados gêneros orais, em situações públicas.

4.4 Discussões geradas a partir do estudo realizado

A compreensão acerca do fenômeno da oralidade permite que o professor de Língua Portuguesa ensine ao aluno expressar-se nas mais diversas situações públicas, escolares ou não, do uso efetivo da língua(gem). Desse modo, o docente deve criar contextos de produção e reflexão do uso de gêneros orais que contribuam para a formação dos seus alunos. Desse modo, o aluno se apropria das noções e estruturas específicas de cada gênero, tornando-se protagonista na execução de suas práticas de linguagem, nos ambientes sociais dos quais faz parte.

Assim, cabe ao docente de Língua Portuguesa reconhecer a oralidade como prática social e proporcionar oportunidades concretas de uso dessa modalidade para o seu alunado, a fim de formar sujeitos capazes de se expressar adequadamente em todas as situações de comunicação a que venham a participar (Rodrigues, 2017). Um exemplo seria a aptidão para planejar e realizar um debate sobre determinado tema, tendo em vista o perfil dos ouvintes, os objetivos propostos, a motivação para que o debate aconteça e as estratégias persuasivas mais eficazes. Afinal, esse tipo de atividade leva o aluno a compreender a necessidade do planejamento prévio do que é defendido, haja vista as etapas de produção do texto oral e as possibilidades de correção simultânea à fala; além de levá-lo a entender a força dos argumentos para se chegar aos objetivos traçados.

Para tanto, é importante que haja clareza da necessidade de didatizar os gêneros orais nas salas de aula de Língua Portuguesa, tendo em mente que o oral deve ser objeto de ensino que também exige um tempo reservado para o planejamento das aulas, visto que o aprendiz deve ter garantida, na escola, a sua formação integral para se favorecer com um bom desempenho no exercício da voz/fala em práticas e eventos de letramento mediante um processo de ensino-aprendizagem que priorize o oral e o escrito como garantias da cidadania (Rodrigues, 2017).

É válido, portanto, que os professores se habilitem e contribuam com a construção de possibilidades que desenvolvam as habilidades linguísticas dos seus alunos, levando-os à superação dos limites ainda existentes no que diz respeito ao uso

da modalidade oral da língua(gem) na esfera social. Essa ação cidadã, de aperfeiçoamento da prática docente, pode começar pelo exame dos documentos oficiais e a escolha consciente de bons livros didáticos que instrumentalizem suas ações de ensino de língua(gens) na Educação Básica.

Diante da lacuna deixada na formação da maioria dos docentes que estão na ativa em nossas escolas, compreendemos não ser culpa destes o não tratamento dado ao estudo da modalidade oral nas aulas de Língua Portuguesa. Levando em consideração que nem todos tiveram acesso às teorias e metodologias sobre gêneros orais, em sua formação inicial, e sabendo também que o material que mais utilizam em sala de aula (o livro didático) ainda é carente de orientações para um bom desenvolvimento da modalidade oral da língua(gem) em sala de aula, justifica-se a dificuldade destes docentes em planejar aulas em que o gênero oral seja objeto de ensino. Contudo, não ter tido uma boa formação inicial não é justificativa para o educador, comprometido com a formação linguística do aluno, abster-se do trabalho com os gêneros orais. Pelo contrário, compreendemos ser necessário que o professor de Língua Portuguesa esteja disposto a buscar formar-se continuamente, visando sanar as lacunas deixadas no início de sua formação e garantir aos alunos da Educação Básica o desenvolvimento dos saberes necessários ao bom convívio social, permitindo-lhes, assim, atuar de forma reflexiva diante das exigências linguísticas que a sociedade os impõe cotidianamente.

5 Palavras finais

Concluimos o nosso estudo sobre o tratamento dado à oralidade na aula de Língua Portuguesa, situando-a como um fenômeno de linguagem que se impõe nas culturas como prática social interativa e, portanto, coletiva (Rodrigues, 2017), com fins comunicativos, apresentada através de gêneros textuais diversos; ao mesmo tempo, diferenciando-a da fala, que é uma forma de produção individual de representação da língua, sendo usada na forma de sons. Ao compreendermos que a oralidade e fala são fenômenos distintos, mesmo que estritamente correlacionados, fica evidenciada a necessidade do trabalho com os gêneros orais em sala de aula, na tentativa de garantir ao aluno da Educação Básica a formação linguística necessária para o atendimento das intenções de cada situação comunicativa/interativa na qual ele é cobrado socialmente.

Mas como o aluno aprenderá se não lhe for ensinado? Em nosso estudo, demonstramos que ainda hoje o trato com a oralidade nas salas de aula de Língua Portuguesa é insuficiente. Desse modo, compreendemos ser necessário rever o modo como os professores são formados, haja vista que na prática de sala de aula há diversas lacunas que refletem um apego demasiado ao ensino da escrita, considerando essa modalidade como prioridade, mesmo que os fatos socioculturais e históricos demonstrem que há uma diversidade de práticas sociais que se efetivam pela oralidade.

Outrossim, pudemos observar nos livros didáticos analisados que o espaço reservado ao oral é restrito e, em sua grande maioria, define a modalidade oral da língua(gem) como desvio, erro e caos. Diante disso, é preciso combater essa ideia de superioridade de uma modalidade da língua(gem) em detrimento de outra, visto que as práticas sociais dos sujeitos são permeadas por escrituras e oralidades. É função da escola/do Estado oferecer os instrumentos necessários para o bom desenvolvimento da modalidade oral da língua(gem), mediante um olhar mais atento ao estudo dos gêneros textuais, e pela promoção de produtos técnico-tecnológicos, tais como os livros didáticos, que permitam oportunizar novas possibilidades didáticas aos docentes, e consequentemente, garantir o espaço que a modalidade oral necessita ter em nossas

escolas. Materiais didáticos que busquem formar sujeitos escolares com habilidades linguísticas tanto nas escrituras quanto nas oralidades, levando-os a uma participação social e efetiva no cotidiano das cidades (Rodrigues, 2017).

Destacamos como urgente o entendimento de que um trabalho de sala de aula voltado à modalidade oral da língua(gem), visando sua adequação em situações diversas, que exigem o emprego adequado dos variados gêneros produzidos oralmente, leva em consideração: o ambiente comunicacional; o locutor e o interlocutor; o contexto; o canal e a mensagem. Neste caso, se o professor de Língua Portuguesa pautar o seu trabalho de ensino de língua(gens) considerando estes fatores, o aluno conseguirá ser protagonista dos seus dizeres nos ambientes sociais, adequando a sua fala nas situações de uso social da língua(gem), compreendendo a necessidade do planejamento prévio, das etapas de produção do texto oral, da correção simultânea e da força dos argumentos para se chegar aos objetivos traçados. É preciso levar o alunado a perceber que é mediante os recursos da oralidade que o sujeito interage diariamente; e que a fala pode ser constituída com graus de maior ou menor formalidade, a depender do contexto de uso da linguagem, de modo semelhante e não inferior ao exercício da escritura.

Nesta perspectiva, a nossa compreensão do fato estudado nos permite afirmar que o aluno deve aprender, ainda nos primeiros anos de escola, que a língua(gem) é parte constitutiva dos sujeitos e que as ações desenvolvidas por eles, em seu dia a dia, se efetivam a partir dela, em suas modalidades oral, escrita e/ou multimodal. Assim sendo, cabe à escola garantir que situações públicas de linguagem sejam estudadas/refletidas no ambiente escolar, visando o desenvolvimento integral do alunado e evitando que este tremia, gagueje ou não consiga se expressar oralmente em situações públicas de uso efetivo da fala. Por esse motivo, esperamos com o nosso estudo ter evidenciado a relevância do trabalho com a oralidade na aula de Língua Portuguesa.

E para que as nossas expectativas se tornem ações transformadoras na Educação Básica, a escola precisa cumprir o seu papel de formadora e aperfeiçoar o aluno para o exercício consciente da cidadania, levando-o a perceber a importância da oralidade no contexto sociocultural e histórico. Afinal de contas, embora tenha nascido com a capacidade inata de desenvolver a fala, o aluno precisa refletir sobre as características específicas de cada gênero textual como práticas linguísticas diversas, diferenciando os usos formais daqueles próprios do cotidiano. E sendo o professor o facilitador/mediador deste conhecimento, ele deverá propor atividades que levem ao alunado as possibilidades de desenvolvimento das capacidades discursivas da expressão oral em situações de uso público da linguagem.

Referências

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. SP: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

DELMANTO, D., CARVALHO, L. B. **Português: conexão e uso, 9º ano: ensino fundamental, anos finais, 1ª edição**, São Paulo: Saraiva, 2018.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. *In*: DIONISIO, A. P.; BEZERRA, M. A. (org.). **O livro didático de Português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCURSHI, L. A., DIONISIO, A. P. **Fala e escrita**. BH: Autêntica, 2007. 208 p.

MARCURSHI, L.A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. Ed, -São Paulo: Cortez, 2010.

ORMUNDO, W., SINISCALCHI, **Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem: 9º ano: ensino fundamental, anos finais, 3ª edição**, São Paulo: Moderna, 2022.

RODRIGUES, L. P. Cultura clássica, cultura vulgar: considerações acerca do ideal de autor, leitor e leitura. *In*: **Revista Sociopoética**: Campina Grande-PB: ADUEP, 2009, ISSN 1980 7856 – V. 1, N. 3, pp. 1-16.

RODRIGUES, L. P.; DANTAS, M. A. C. **Os Gêneros orais e ensino: entre o dito e o prescrito**. Linha D’Água (Online), São Paulo, v. 28, n. 2, dez 2015.

RODRIGUES, L. P. O oral e o escrito em práticas e eventos de letramento. *In*: NORONHA, C. A.; SÁ JR, L. A. **Escola, ensino e linguagens**. Natal: EDUFRN, 2017.